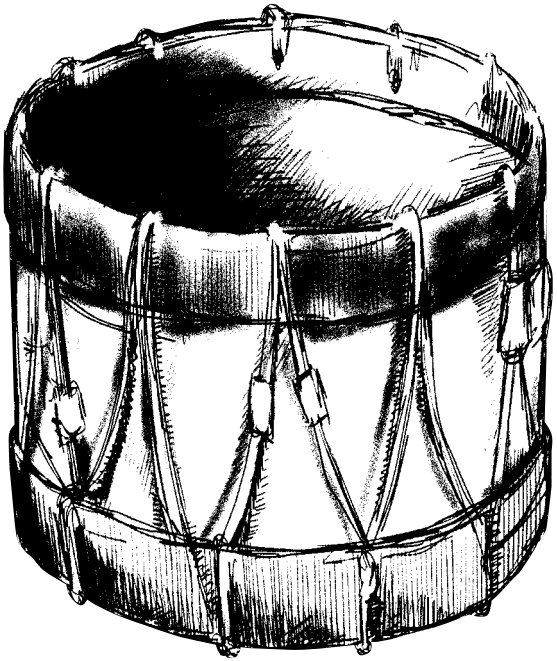
Gigantes, Cabeçudos e outras Coisas do arco-da-velha

fig



Homem, torna-te no que és

Píndaro, poeta grego

FICHA TÉCNICA

Edição
Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal de Palmela

Investigação/textos
Serviço Educativo

Fotografia
Adelino Chapa, Constantino Teixeira e Paulo Nobre

Ilustrações
Ana Pereira, Constantino Teixeira, Paulo Curto e Zé Nova

Conceção gráfica e paginação
Filipa Moura

ISBN
978-972-8497-57-6

Agradecimentos
IELT - Instituto de Estudos de Literatura Tradicional,
Museu da Marioneta e Constantino Teixeira pela cedência de materiais.

ÍNDICE

Museu Municipal de Palmela e Serviço Educativo 7

O Recurso Pedagógico: “Gigantes, Cabeçudos e outras Coisas do arco-da-velha” 9

Festival Internacional de Gigantes (FIG) 10

Património Cultural 12

Património Intangível da Humanidade
Cultura Popular

Gigantes, Cabeçudos e outras coisas do arco-da-velha 14

Gigantes, Cabeçudos e Máscaras
Marionetas

Ritmos de Gigante 20

Bibliografia, audiovisual e sites 23

Museu Municipal de Palmela

O Museu Municipal de Palmela é uma estrutura polinucleada, composta por núcleos (espaços municipais) e extensões museológicas (espaços não propriedade da autarquia, mas com apoio técnico desta) que se situam em diferentes pontos do concelho e que integram colecções representativas da memória de cada uma das cinco freguesias, potenciando a leitura da sua diversidade.

O Museu Municipal é constituído pelos Núcleos do Castelo, de Quinta do Anjo e de Pinhal Novo; e pelas extensões Moinhos Vivos-Biosani (Palmela), Fortuna Artes e Ofícios-ADREPAL (Quinta do Anjo), CINZAMBU/Associação dos Produtores Florestais da Península de Setúbal (Águas de Moura), Museu da Saúde/Pólo da Malária – do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (Águas de Moura), Museu do Pastor/ARCOLSA (Cabanas) e Quinta Pedagógica Caramela-Fundação COI (Pinhal Novo). Para saber mais vide: www.cm-palmela.pt

Serviço Educativo do Museu Municipal

VISÃO
O Serviço Educativo desenvolve acções no âmbito da Educação Patrimonial, promove a democratização do saber através do alargamento e diversificação de público e actividades, e aposta na Qualidade, na Eficácia e na Melhoria Contínua.

MISSÃO
O Serviço Educativo comunica aos diferentes públicos os conhecimentos adquiridos pelos investigadores, sendo o rosto mais visível do Museu Municipal; na sua prática educa para o conhecimento, valorização e preservação do Património Local, através de uma acção que incentiva a integração e a participação de toda a comunidade. É no Serviço Educativo que reside a essência do Museu Municipal.

O Serviço Educativo do Museu tem como objectivo comunicar aos diferentes públicos a diversidade cultural existente no concelho, tendo criado, um conjunto de ofertas tais como visitas orientadas; oficinas pedagógicas; pastas e outros recursos temáticos que podem ser solicitados pela comunidade educativa (vide o programa pedagógico em www.cm-palmela.pt).
Gigantes, Cabeçudos e outras Coisas do arco-da-velha, concebido em parceria com o Festival Internacional de Gigantes (FIG), é um desses recursos pedagógicos.

Oficina Pedagógica de pintura durante a visita à exposição “Geração de 500” da pintora Isabel Nunes, patente na Igreja de Santiago, 2009.

O Recurso Pedagógico
"Gigantes, Cabeçudos e outras Coisas do arco-da-velha"

Por se considerar que o tema aqui apresentado merece a nossa melhor atenção, e porque o Festival Internacional de Gigantes (FIG) - que decorre na vila de Pinhal Novo, de dois em dois anos – (vide: www.figfestival.org) é um projecto cultural de grande importância, foi nossa intenção partilhá-lo com a comunidade educativa do concelho.

OBJECTIVOS:

Estabelecer laços permanentes entre o FIG e a Comunidade Local,

Mobilizar para a participação da Comunidade Educativa no FIG, através de um projecto sustentado de conhecimento;

Estimular a Comunidade Educativa para a apreensão e compreensão de elementos tradicionais no âmbito do conceito de Património Cultural, mais vasto;

Proporcionar um espaço, em sala de aula, para reflectir, questionar e debater o tema, enquanto fase do processo de aprendizagem sobre o património cultural local, relacionando-o com as tradições nacionais e mundiais;

Desafiar a criatividade através da experiência da corporização da forma, no contexto da Educação pela Arte;

Provocar a descoberta por outras formas de arte performativas.

Não sendo objecto de um recurso pedagógico a apresentação exaustiva de informação, ele constitui-se, sobretudo, como um incentivo à descoberta, à reflexão, à imaginação, à experiência e à compreensão do mundo que nos rodeia. Esta Maleta Pedagógica integra documentos e materiais que podem e devem ser complementados com outras fontes de informação que docentes e discentes considerem apropriadas.

VISÃO

O FIG é um festival de cultura popular que aspira dar corpo ao Programa Municipal de Teatro, fazendo ressaltar a sua dimensão comunitária. Ambiciona a ruptura com a exclusividade dos espaços convencionais, favorecendo a rua como espaço para a manifestação da cultura de cariz popular e mais tradicional.

MISSÃO

Evento (Festival), dirigido ao grande público, de promoção de Cultura Popular onde tradição e inovação se encontram na expressão artística, tendo como palco o espaço público - a rua. O FIG tem cumprido como objectivo último, a pretexto do evento e das suas características mobilizadoras, estímulos determinantes na concretização das artes e das culturas identitárias como veículos de participação, cidadania e partilha, de promoção da inter e multiculturalidade, formação de públicos e fruição das artes, apoio à criação e formação artística, defesa e inovação da Cultura Popular. O FIG está enquadrado num plano estratégico de promoção das artes performativas (Programa Municipal de Teatro).

Espectáculo "Humanum Fatum"dos PIA - Projectos de Intervenção Artística, FIG 2009

Promovido pela Câmara Municipal de Palmela em parceria com: Bardoada – O Grupo do Sarrafo; ATA – Acção Teatral Artimanha; Associação Juvenil COI; PIA – Projectos de Intervenção Artística, o FIG (vide: www.figfestival.org) ocupa lugar de destaque no cartaz cultural da região e do país, ao fundir a cultura tradicional com a contemporaneidade, numa festa para todos os públicos. Nascido em 1995, o FIG, que integra na sua programação teatro, música, marionetas, arruadas, exposições, desfiles, entre outros, tem tomado a forma do seu nome constituindo-se, hoje, um gigante no panorama internacional dos festivais temáticos.

O Festival, que se move ao som da terra e caminha pelos pés de gigantes, actua na rua. É este o palco que privilegia o contacto com os públicos, eles próprios protagonistas porque absorvidos pelo espírito desta festa que celebra e enfatiza a aspiração do homem em se transcender.

Porque o Festival se faz para e com as pessoas, tem como objectivo sedimentar esta relação através da concepção da presente maleta pedagógica. Queremos chegar até vós. Queremos fazê-los sentir a transcendência, o espanto, a emoção sublime de nos tornarmos maiores.

kalatharangini Troup (espectáulo indiano que alia o teatro à dança), FIG 2009

Património Cultural

"Corresponde a todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização. Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa"

in Lei de bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 08.09)

Não obstante a definição de Património Cultural ser abrangente, o critério de preservação há-de ser sempre o da qualidade. Nem tudo o que é antigo no domínio do Património merece ser conservado, como nem tudo o que é novo é de desvalorizar.

O Património que nos foi legado é uma parte que chegou até nós por escolha consciente dos homens que nos antecederam. Não há possibilidade, nem faz sentido preservar tudo, mas é fundamental que a selecção seja feita com base no conhecimento, porque só se protege aquilo de que se gosta e só se gosta o que se conhece. Só conhecendo, entendemos o significado e valorizamos não só o património que herdámos, mas também o que vamos legar às gerações futuras.

Ora, este recurso pedagógico explora um testemunho portador de interesse cultural relevante que são as figuras gigantes. Estas figuras animadas, presentes em inúmeras celebrações por todo o mundo, são parte importante do nosso património cultural. E porque vinculam a diversidade cultural de determinado país ou região, algumas foram consideradas Património Intangível da Humanidade, pela UNESCO.

Património Intangível da Humanidade

"As obras colectivas que emanam de uma cultura e se baseiam na tradição. Estas tradições transmitem-se oralmente ou mediante gestos e transformam-se mediante a passagem do tempo, através de um processo de recriação colectiva. Incluem-se nas tradições orais os costumes, a língua, a música, os bailes, os rituais, as festividades, a medicina tradicional, as artes culinárias e todas as habilidades especiais relacionadas com os aspectos materiais de uma cultura, tais como as ferramentas e o habitat."

in Definição elaborada na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível, realizada em Paris em 2003.

Foram considerados Património Intangível da Humanidade as seguintes festividades que assentam na forma gigante:

The Makishi Masquerade (Zâmbia) in www.unesco.org

The Patum of Berga (Espanha) in www.unesco.com

The Mask Dance of the Drums from Drametse (Bhutan) in www.unesco.org

Cultura Popular

Ao abordarmos a temática das figuras gigantes não podemos deixar de nos cruzar com o termo Cultura Popular. Este é um conceito ambíguo. Se, por um lado, "Partindo de uma acepção de cultura no sentido mais amplo possível - ou seja, cultura não só como o produto ou construção cultural, mas também as relações e as diversas maneiras de pensar a realidade – chegaremos a uma primeira conclusão inequívoca: toda a cultura é, por definição, popular", por outro lado podemos particularizar afirmando que se trata de "um conjunto de formas culturais que foram criadas e preservadas independentes das instituições oficiais do Estado. Ou seja, que nasceram da resistência dos grupos populares à tentativa das elites de homogeneizar a cultura nacional na perspectiva da cultura erudita ocidental" [1.]

Embora não tenhamos o propósito de definir conceptualmente este termo, importa clarificar a sua utilização no contexto desta temática. Assumimo-lo como sendo um conjunto de práticas e sentires que, tendo outrora expressado a espontaneidade popular, hoje traduz-se em manifestações devidamente organizadas pela sociedade com o objectivo de valorizar as tradições e de estimular e de celebrar a memória partilhada de uma comunidade entre si, e com os outros.

[1.] José Jorge de Carvalho Antropólogo da Universidade de Brasília, in http://vsites.unb.br/ics/dan/serie109empdf.pdf (1991).

Gigantes, Cabeçudos e Máscaras

O Homem, num apelo à criatividade, criou formas de representação do mundo - físico e sobrenatural. Se recuarmos à Pré-História encontramos manifestações cenografadas através da arte rupestre ou em outro tipo de rituais, como são exemplo os rituais fúnebres que se realizavam nas Grutas de Quinta do Anjo, datadas do Neolítico Final.

As formas de representar o mundo são diversas e, enquanto umas se extinguem, outras têm a capacidade de se perpetuar, chegando aos nossos dias.

Os Gigantes, de proporções disformes, têm sido um elemento de permanência. A Mitologia Grega é fonte importante destas figuras que foram imortalizadas através da literatura clássica, pintura, cerâmica, oralidade. As narrativas sagradas tinham como objectivo explicar a origem do mundo, conceber interpretações que fundamentassem o que, aparentemente, seria inexplicável, num mundo que ainda desconhecia o método científico. As narrativas mitológicas eram protagonizadas por Deuses e figuras sobrenaturais de poderes imensos. A dada altura da narrativa surgem os gigantes, propositadamente gerados por Gaia (Deusa da Terra) para destruir Zeus (Rei dos Deuses do Olimpo). Tifon, filho de Gaia e de Tártaro (Deus do Mundo Inferior, aliado de Hades), era uma terrível besta capaz de controlar ventos ferozes e violentos. Maior do que qualquer montanha, tinha o corpo coberto por serpentes e os dedos em forma de cabeças de dragão que cuspiam fogo e ecoavam ruídos ensurdecedores e horripilantes. Tinha, entre outros irmãos, Encélado, senhor do Gelo, e Porfírio e Alcioneu, filhos de Gaia e Úrano (Deus do Céu). Outros havia, cada um dotado de poderes exclusivos que deram corpo à Gigantomaquia, a guerra entre os gigantes e os Deuses do Olimpo.

Também a Mitologia Nórdica, característica das sociedades rurais escandinavas, criou Jotunheim - o Mundo dos Gigantes - que ameaçava o reino dos humanos. O filme "Senhor dos Anéis" foi inspirado nesta Europa mitológica. Ora, a necessidade de apaziguar os ímpetos de Deuses e Gigantes resultou na criação de uma linguagem ritual cheia de significado, que traduz o intuito do homem em ligar-se a estas figuras míticas por meio de cultos, sacrifícios, performances; primeiro em actos de cariz religioso, depois profano.
Na Europa é possível que os primeiros gigantes tenham surgido em Alenquer e em Évora (Portugal) no ano de 1265[2]. É também possível afirmar que no século XIV existiam gigantes a desfilar na Bélgica, França, Alemanha e Itália. "Eles são seguramente os ancestrais progenitores dos grandes eventos culturais dos dias de hoje, cumprindo igualmente a periodicidade, o culto da festa, a relação com o espaço de todos, a partilha do espanto e da imaginação" (CMP:2003, p. 17).

Produto do imaginário cultural, estas figuras estão associadas aos ciclos agrários e ritualizam a volubilidade da sociedade em gerar boas colheitas dado a inevitabilidade e imprevisibilidade das condições meteorológicas e pragas, capazes de destruir um ano de trabalho agrícola. O homem, por meio da utilização destes seres animados procura apaziguar o mundo dos espíritos corporificando-o numa dupla existência: a de homem e a de ser mágico. São aparições mágico-simbólicas que medeiam a relação entre os vivos e o mundo sobrenatural com a intenção de purificar e libertar a sociedade do mal, apelando à fecundidade da natureza.
Actualmente estas figuras reconfiguram-se na contemporaneidade enquanto elementos importantes da nossa Tradição Cultural.

[2.] CMP: 2003, pp.19

Gigantone Bruxa, ATA – Acção Teatral Artimanha, Pinhal Novo, 2007
Manuseado por Rui Guerreiro.

As figuras animadas **Gigantes** são bonecos que podem chegar aos quatro metros de altura, com uma estrutura edificada em diferentes materiais. Homens, e hoje também mulheres, suportam o peso destes bonecos nos ombros (que pode ultrapassar os 20 quilos), enquanto o manuseiam, balançando-o ao som das arruadas.
A cabeça, habitualmente fabricada em pasta de papel, retracta pessoas desproporcionais ou monstros, diabos, dragões. O corpo de quem os transporta fica ocultado por debaixo das vestes das figuras, e apenas uma pequena abertura, dissimulada na barriga do gigante, permite ao transportador ver o caminho que tem de percorrer.
Trajados de cerimónia como forma de homenagem, ou com trajes populares caricaturam a sociedade, reproduzindo figuras locais.

Gigantone Talau, Associação Bardoada – O Grupo do Sarrafo, Pinhal Novo, 2007
João Figueiras toca caixa enquanto o gigantone se baloiça ao ritmo da percussão.

Os **cabeçudos**, que habitualmente precedem os gigantes, são figuras de cabeças disformes em corpos de homens, num apelo à assimetria e à fractura com o mundo quotidiano.

As **máscaras** faciais, concebidas em madeira, lata, couro, cortiça, cartão, representam seres de outro mundo, muitas vezes medonhos e temidos, de acordo com a criatividade e a estética de quem as molda.
Os Caretos de Podence são um exemplo nacional da utilização de máscaras. Surgem para assinalar o solstício através de manifestações anárquicas com uma forte componente de regulação social, na medida em que denunciam actos considerados condenáveis, praticados por indivíduos da própria comunidade, punindo-os através da exposição ao ridículo público.

Cabeçudo, Associação Bardoada - O Grupo do Sarrafo, 2007

Exposição Máscaras Portuguesas - Colecção André Gago, FIG 2009
Esta exposição dá a conhecer algumas das máscaras originais representativas das principais festas de Inverno trasmontanas.

Gigantone *Zé Povinho*, Associação Cultural Ida e Volta, Braga, 2007

Marionetas

As **Marionetas** correspondem a um género teatral específico que recorre a formas inanimadas: bonecos, máscaras, sombras, que ganham vida a partir da manipulação dirigida pelos actores-manipuladores. Tal como as figuras gigantes, eram-lhes atribuídas características mágico-simbólicas por meio das quais era possível ao homem tocar o divino.

Tratam-se de figuras ambulantes cuja origem se confunde com o aparecimento do próprio teatro. É difícil identificar uma data sobre o seu aparecimento dado a espontaneidade inerente a esta manifestação artística. Não obstante, os primeiros registos surgem na China (2000 a.c.), Índia, Egipto, Grécia e Roma. Pensa-se que a sua manifestação no ocidente tenha sido influenciada pela arte tradicional japonesa designada por *Bunraku* - figuras inanimadas suspensas por fios e varas, manipuladas por meio da força humana.

Ao longo da Idade Média tiveram um papel preponderante na difusão do cristianismo até à data em que a Igreja Católica proibiu qualquer forma de representação religiosa (concílio de Trento, século XVI). Porém, após o distanciamento imposto pela igreja estas figuras reconfiguraram-se e passaram a personificar a sátira e o humor e, mesmo em épocas de crise para o teatro, mantiveram o seu papel junto dos públicos com uma itinerância assídua pelas festas e feiras.

Por ser um teatro ambulante de repertório popular, as peças eram apresentadas em locais públicos de sociabilidade do século passado como as tabernas.

"Antigamente haviam os robertos. Eram umas casinhas com aqueles bonequinhos (lá em baixo no João da Taberna). O meu irmão quando sabia, coitadinho, que andavam aí os robertos pelas tabernas, lá ia e lá ia a minha mãe com a colher de pau debaixo do avental. Chegou a partir mais do que uma colher de pau em cima do meu irmão. Corria as tabernas todas à procura dele."

Helena Oliveira, Conversas de Poial
Museu Municipal de Palmela, Março 2009

As marionetas são importantes veículos de transmissão de conhecimento porque são bonecos visualmente apelativos, dotados de um discurso acessível a toda a população, capazes de percorrer todos os caminhos, conseguindo chegar aos lugares mais recônditos e inacessíveis. Em África, por exemplo, o teatro de formas animadas é utilizado para difundir informação relativa a assuntos de grande importância como as consequências da propagação da Sida e a importância dos métodos contraceptivos, do programa de vacinação, educação, entre outros assuntos vitais para a sociedade.

Este género teatral foi, ao longo dos tempos, acolhendo novas técnicas e materiais que deram lugar a vários tipos de marionetas:

Teatro de Sombras, apresentado pela primeira vez na Dinastia Han (206 a.C – 220 d.C), propagou-se por toda a Ásia e, posteriormente, Norte de África até chegar à Europa no século XVII. São figuras que se apresentam sempre de perfil, animadas a partir de baixo por meio de varas distribuídas por vários locais do seu corpo.

Marionetas de fios, comandadas por meio de uma cruzeta que une os fios às diversas partes do corpo, atribuindo-lhes movimento.

Marionetas de vara, bonecos dotados por uma vara de ferro fixa no centro superior da cabeça, cujos membros são movimentados por meio de varetas ou fios.

Marionetas manipuladas à vista, utiliza uma das técnicas anteriores mas a pessoa que lhes dá mobilidade está também em cena.

Marottes, ao contrário das marionetas anteriores, são manipulados por baixo por meio de varas que articulam a cabeça e os membros.

Fantoches e Robertos são marionetas de luva manipuladas a partir de baixo, através da introdução de uma mão no corpo, sendo que os dedos se distribuem pela cabeça e pelos membros superiores de modo a atribuir forma e agilidade ao boneco. O Dom Roberto é uma figura tradicionalmente portuguesa, com características particulares: esta personagem utiliza sempre um bastão (são acções dramáticas com uma forte componente de violência) e voz de palheta - que é consequência de um instrumento próprio que o bonecreiro utiliza na garganta para distorcer a voz.

Fantoches de Santo Aleixo são também tradicionalmente portugueses, originários do Alentejo. Tratam-se de bonecos de madeira, de pequena dimensão (20 a 40 cm) manipulados por cima a partir de uma vara.

Marionetas da Associação Cultural do Imaginário, Évora, 2007

Ritmos de Gigante

Caixa e bombo

A presença destas figuras gigantescas e desproporcionais em qualquer desfile ou romaria gera assombro. Parte deste sentimento é provocado pelas vibrações intensas e estridentes que os acompanham, sendo que as próprias figuras se deslocam em passos ritmados.

Em Portugal, os membrafones são os instrumentos comummente utilizados nas romarias e desfiles de gigantes. Os sons da percussão, obtidos através do impacto forte e sincronizado das baquetas nas peles esticadas dos bombos e caixas, na sua intensidade máxima, contagiam e impelem ao movimento, numa transcendência do corpo.

Os instrumentos de percussão são os mais antigos na história da humanidade. Este facto deriva da capacidade do homem em originar sons através do impacto das mãos entre si ou em qualquer objecto. É um processo simples, acessível a qualquer pessoa. Porém, é na rítmica de cada um que habita a diferença e a qualidade musical. As batucadeiras de Cabo verde são um exemplo impressionante do rigor e da técnica destes batimentos.

As caixas e os bombos de fabrico artesanal são cada vez mais difíceis de adquirir em Portugal. Poucos são os que ainda se dedicam a esta profissão. Na Associação Cultural do Imaginário, em Évora, foi possível assistir à construção destes instrumentos de percussão, de acordo com técnicas ancestrais.

Actuação da Associação Bardoada – O grupo do Sarrafo

Também a Gaita-de-foles, instrumento de sopro da categoria dos aerofones, é comummente utilizada nos acompanhamentos musicais destes desfiles. Presente em várias culturas e países, com uma variedade imensa de tipologias, está associada à expansão dos povos pastoris do Mediterrâneo ou da Ásia. É um instrumento construído em pele de animal que ecoa som por meio da manipulação de um reservatório de ar.
Grupos de Zés Pereiras, característicos da região norte de Portugal, são constituídos por vários elementos que tocam instrumentos de percussão: bombos, caixas, timbaloes; e aerofones, tais como a gaita-de-foles ou o pífaro. Em Palmela, o grupo de Gaiteiros acompanha os desfiles e tem também a função de assinalar o início das festividades. Integra na sua orquestra a caixa, o bombo e a gaita-de-foles. Estes grupos têm a particularidade de serem autodidactas - aprendem a tocar de ouvido melodias populares e não seguem qualquer pauta.

Constantino Teixeira, um dos responsáveis pelo Encontro de Gigantones e Cabeçudos que se realiza anualmente no mês de Junho, em Braga. A Gaita-de-foles é uma presença assídua nestas manifestações culturais.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Ana Maria
Teatro das Formas Animadas. Colecção Texto e Arte. S. Paulo: EDUSP (Editora da Universidade de S. Paulo), 1991.

BELTRANE, Valmar Níni (org.)
Teatro de Bonecos. Distintos Olhares sobre Teoria e Prática. Florianápolis: UDESC, 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA
nos trilhos dos gigantes, Palmela, 2003.

CONSTÂNCIO, Natália
B.I. da Criação do Mundo. Colecção Bilhetes de Identidade, n.º 18. Lisboa: Apenas, 2009.

DIOGO, Sara, MARC
Gigantes e Outras Desmesuras, Palmela: Câmara Municipal, 2009.

FERREIRA, Virgílio
Portfólio de fotografias Gigantones & Companhia, Lisboa: IELT, 2005.

FRAZÃO, Fernanda
Viagens do Diabo em Portugal. Lisboa: Apenas Livros, 2000

GUIMARÃES, Ana Paula
B.I do Zarapelho. Colecção Bilhetes de Identidade, n.º 1. Lisboa: Apenas Livros, s/d.

MEIRELES, Maria Teresa
Gigantes, Olharapos e Outras Desmesuras. Colecção À mão de respigar, n.º 23. Lisboa: Apenas Livros, 2005.

MUSEU DA MARIONETA
Catálogo de Exposição, Lisboa: EGEAC/Museu da Marioneta, 2005

MUSEU DA MARIONETA
NADAGAMA. Máscaras e Marionetas do Sri Lanka, Lisboa: EGEAC/Museu da Marioneta, 2009

MUSEU DA MARIONETA
Teatros de Papel. A Arte da Precisão, Lisboa: EGEAC/Museu da Marioneta, 2008.

MUSEU DA MARIONETA
Os Fios d'a Tarumba. Exposição, Lisboa: EGEAC/Museu da Marioneta, 2010.

RAMOS, Ana Margarida
Os Monstros da Literatura de Cordel Portuguesa do Século XVIII. Colecção A IELTsar se vai ao longe. Lisboa: IELT/Colibri, 2008

REBELLO, Luiz Francisco
Breve História do Teatro Português. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.

SARMENTO, Clara
Cultura Popular Portuguesa. Práticas, discursos e representações. Bibliotecas das Ciências Sociais. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

PEREIRA, José Dantas Lima; LOPES, Marcelino de Sousa
Fantoches e outras formas animadas no Contexto Educativo, Intervenção, 2007.

VILARIÑO, Ignacio
Tio Miséria. Coruna: Baia Edicións, 2008

ZURBACH, Christine
Teatro de Marionetas. Tradição e modernidade. Évora: Casa do Sul / Centro de História de Arte da Universidade de Évora, 2002.

AUDIOVISUAL

AJCOI / CMP (prod.) (2007)
Arte da Desproporção [DVD], Palmela.

Arquivo de Fontes Orais do Museu Municipal de Palmela.

SITES

Figuras animadas gigantes

Festival Internacional de Gigantes
www.figfestival.org

Grande Pequeno
http://www.grandepequeno.com
http://grandepequeno.blogspot.com/

Associação Cultural
Universidade do Minho
http://www.arcum.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=53
http://www.vianafestas.com/festas-agonia/

Amigos dos Gigantes
www.ciag.org

Proboneco
http://proboneco.blogspot.com/

Cabeçudos
http://cabcudos.com/pt/

Grandalhão
http://acaciopradinhos.blogspot.com/2008/05/grandalho.html

Patum de Berga - Espanha
http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?RL=78

The Mask Dance - Buthan
http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?RL=10

Fallera Gironina
http://fallera.blogspot.com/2006/05/el-mn-geganter-maig-2006.html

Gigantes de Vallgorguina
http://www.geganters.org/

Gigantes (UK)
http://www.giants.org.uk/

Outras Coisas do arco-da-velha

Caretos de Podence
http://caretosdepodence.no.sapo.pt/

Museu Ibérico da Máscara e Traje
www.mascaraiberica.com

Museu da marioneta
http://www.museudamarioneta.pt/

Teatro de marionetas do Porto
www.marionetasdoporto.pt

S.A. Marionetas
http://www.samarionetas.com/teatro_d.roberto.htm

Serviço Educativo
http://servicoeducativomarioneta.blogspot.com/

Progestur
http://progestur.blogspot.com/

Marionetas (língua castelhana)
http://www.titerenet.com/

Teatro de Sombras (livro em língua castelhana)
http://www.scribd.com/doc/8350240/Teatro-de-Sombras

Música

Bardoada – Grupo do Sarrafo
http://bardoada.blogspot.com/

At-Tambur - Músicas do mundo
http://www.attambur.com/default.htm

Grupo musical Zés Pereira
http://www.zespereiras.castedo.pt/

Orquestra de Percussão Tocá Rufar | http://www.tocarufar.com/

Orquestra de Percussão Tocándar
http://www.tocandar.com/

Músicas do Mundo At-Tambur
http://www.attambur.com

Associação Nacional de Gaita-de-foles
http://www.gaitadefoles.net

Outros

Câmara Municipal de Palmela
http://www.cm-palmela.pt

ATA – Acção teatral Artimanha
http://teatroartimanha.blogspot.com/

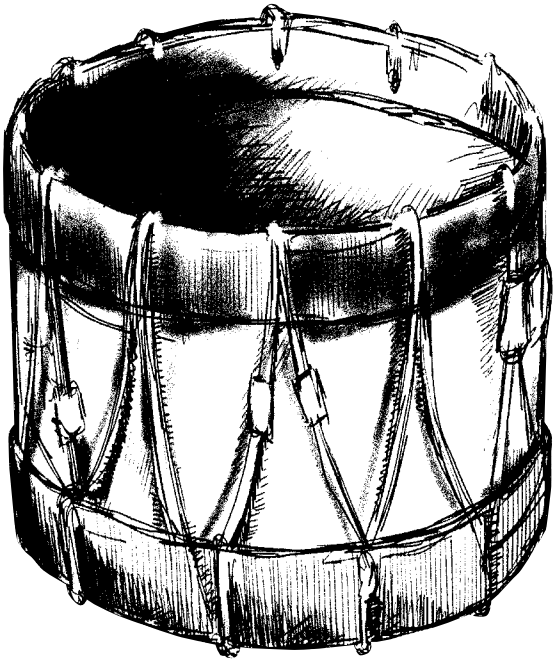
PIA – Projectos de Intervenção Artística
http://www.piacrl.com
http://projectospia.blogspot.com/

Associação Juvenil COI
http://www.ajcoi.org

Instituto de Estudos de Literatura Tradicional
http://ielt.org/pagina/inicio

UNESCO
http://whc.unesco.org/en/about/

Património Imaterial da Humanidade
http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00011#list



MATERIAIS QUE INTEGRAM A MALETA:

Caderno “Gigantes, Cabeçudos e outras Coisas do arco-da-velha”
Caderno de Actividades
Fichas de avaliação do Recurso Pedagógico (professores e alunos)
Álbum … espécie de livros para coleccionar coisas
Publicação: nos trilhos dos Gigantes
Publicação: Gigantes e outras desmesuras
Publicação: Gigantes, Olharapos e Outras Desmesuras
Publicação: BI da Criação do Mundo
Publicação: Fantoches e outras formas Animadas no Contexto Educativo Portfólio: Gigantones & companhia
Jogo: A Arca dos Contos
Dvd: Arte da Desproporção
Marionetas (de diversas tipologias)
Teatro de sombras

A Maleta pedagógica, assim como os materiais que a integram, são frágeis. Nesse sentido pedimos o vosso maior cuidado no seu manuseamento. Este é um recurso que queremos que viaje de escola em escola, de aluno em aluno, e só nas suas melhores condições poderá cumprir o seu destino.

A equipa de Serviço Educativo e o FIG desejam-vos um trabalho Desmedido!

Município
Palmela